

Com grupo polonês, estaleiro EAS tenta reagir

Após acumular prejuízo de R\$ 1,4 bilhão e atrasar entrega de navios, empresa também está em negociação com japoneses

Ramona Ordoñez
ramona@oglobo.com.br
Leticia Lins
leticia.lins@oglobo.com.br

● RIO E RECIFE. Depois de quase naufragar numa grande tempestade, o Estaleiro Atlântico Sul (EAS), em Pernambuco, luta para se recuperar e singrar em mares mais calmos. O EAS fechou parceria com a polonesa Remontowa, que entrará com a tecnologia, e a norueguesa LMG, que apresentará os projetos, para a construção das sete sondas para o pré-sal encomendadas pela Sete Brasil.

Segundo uma fonte próxima aos sócios controladores do EAS — Camargo Corrêa e Queiroz Galvão —, estão também em andamento negociações com alguns grupos japoneses para substituir a coreana Samsung, que era o parceiro tecnológico para a construção dos navios petroleiros. Entre essas empresas estariam a Mitsui e a Ishikawajima-Harima Heavy Industries (IHI). Espera-se que o novo sócio faça um aporte de capital de US\$ 400 milhões, o que lhe daria uma participação de 30% no estaleiro.

Nem o EAS nem os controladores quiseram falar. Mas, segundo uma fonte, por contrato, a Samsung permanecerá até a construção do sexto navio. A coreana detinha 6% das ações e, pouco antes da mudança de controle acionário, chegou-se a especular em Recife que ela assumiria o estaleiro, inclusive com a ajuda do governo brasileiro.

— Não haverá nenhuma ruptura do contrato do estaleiro com a Transpetro — garantiu uma fonte.

Pioneirismo na retomada da indústria naval saiu caro

De acordo com outra fonte próxima aos controladores, o preço pago pelo EAS foi alto, por ter sido o primeiro estaleiro



Hans von Manteuffel

DEPOIS DAS dificuldades com o João Cândido, a entrega dos demais navios encomendados pela Transpetro também vai ocorrer com atraso

de grande porte a ser construído no país na retomada do setor naval brasileiro, paralisado há décadas. Apesar de ter uma carteira bilionária de US\$ 8,1 bilhões (22 navios e sete sondas para o pré-sal), a empresa amargou um prejuízo de R\$ 1,4 bilhão no ano passado. Foi o primeiro desde que o estaleiro foi criado, há sete anos. E Camargo Corrêa e Queiroz Galvão ainda tiveram de injetar mais R\$ 1 bilhão na empresa.

Uma fonte próxima aos sócios garantiu que a expectativa é inverter o prejuízo já este ano. A meta é colocar o estaleiro no ritmo normal de construção, cumprindo os prazos. Como parte do processo de "arrumação da casa", na semana passada assumiu a presidência do EAS o engenheiro Otoniel Silva

Reis, executivo da Queiroz Galvão, com experiência no setor.

Com um atraso de dois anos, o estaleiro finalmente se prepara para entregar, no próximo dia 25, o João Cândido, o primeiro dos 22 navios encomendados pela Transpetro e símbolo da retomada da indústria naval do país.

O segundo navio, o Zumbi dos Palmares, deverá ser entregue em fevereiro de 2013. De acordo com uma fonte técnica do estaleiro, como a construção dos navios é feita em série, como numa linha de montagem, com o atraso do João Cândido, os prazos de outros cinco já foram revisados: serão entregues até 2015.

A Transpetro não quis comentar o assunto, mas deixou claro que poderá multar o estaleiro pelos atrasos. Em nota, a

estatal informou que o cronograma original prevê a entrega até 2016. "Os contratos do programa estipulam penalidades para atrasos não justificados".

Em Pernambuco, o EAS não se pronuncia sobre negociações com novos sócios e assegura que terá condições de honrar os compromissos assumidos frente ao Programa de Modernização e Expansão da Frota (Promef), encabeçado pela Petrobras, via Transpetro. Ambas vêm pressionando o estaleiro, temendo atrasos em seus cronogramas.

Apesar de a empresa garantir que o segundo navio será entregue em fevereiro, em Recife há rumores de que o trabalho teria sido paralisado devido ao atraso no pagamento a fornecedores. Segundo o esta-

leiro, houve realmente problemas isolados, "já superados".

O EAS confirma dificuldades, como a aquisição de matéria-prima. Em nota, afirmou que "não é fácil quebrar a tendência inercial de um setor que passou 20 anos em crise no Brasil. O EAS enfrentou a inexistência de uma cadeia de suprimentos no mercado nacional, já que a indústria de navios foi desmontada nas últimas décadas".

Até o momento, o EAS só fez uma entrega: o casco da plataforma P-55, enviado no dia 22 de dezembro à Petrobras.

Sindicato tem expectativa de novas contratações

O João Cândido vai começar a cruzar o oceano depois de uma longa história de erros, fa-

lhas na construção e retornos ao dique seco do estaleiro, após tentativas de provas de mar, segundo alguns especialistas do setor. Em 2010, o então presidente Luiz Inácio Lula da Silva e a então candidata Dilma Rousseff estiveram no estaleiro para batizar o navio.

Uma das dificuldades enfrentadas pelo EAS no início da construção do João Cândido foi o atraso na entrega de dois guindastes de grande porte. Isso obrigou o estaleiro a mudar a concepção do projeto, que era de megablocos, para blocos menores, que poderiam ser montados por guindastes de menor porte.

Entre 31 de março e 8 de abril, o João Cândido percorreu 500 quilômetros entre Natal e Macaé. "Uma prova muito bem sucedida", conforme informou o presidente da Transpetro, Sérgio Machado, ao governo de Pernambuco. Ele classificou de bons os resultados de "velocidade, desempenho e consumo de combustível".

O EAS afirmou ainda que o alto padrão foi confirmado pela certificadora internacional American Bureau of Shipping, instituição com 150 anos de atuação. A empresa explicou ainda que, desde sua implantação, o estaleiro exigiu investimentos da ordem de R\$2,1 bilhões. Outros R\$700 milhões serão aportados até 2013.

O novo presidente assumiu um estaleiro mais enxuto, resultante de um corte de cerca de seis mil funcionários. A contratação havia aumentado muito durante os entraves na fabricação do João Cândido. Segundo o EAS, houve "contratações acima do planejado", seguindo-se então uma "desmobilização natural à medida que as encomendas foram entregues". O Sindicato dos Metalúrgicos informou, no entanto, acreditar que, com a chegada de um novo sócio, o estaleiro volte a contratar no mesmo ritmo de antes. ■